



PREFEITURA DE  
**ILHÉUS**

**condema**  
Comitê de Defesa do Meio Ambiente de Ilhéus



MINISTÉRIO PÚBLICO  
DO ESTADO DA BAHIA



# Jornal

13ª Edição / Setembro 2013

# Eco

# Kids



**A Lenda de Mani**

Pág.03



**Território**

Pag.04



**Artesanato**

Pág.04



**Abra o olho.  
Desmatamento  
ou reflorestamento**

Pág.05



**Plantar para curar**

Pág.05



**Sustentabilidade  
Cultural na Educação  
Infantil**

Pág.06



**Segurança  
Alimentar**

Pág.07



Edição Anterior  
Colégio IDEAL



Edição Atual  
E.E.I.T.O



# Sustentabilidade ambiental e cultural nas comunidades indígena Tupinambá de Olivença.

O sentido de pertencimento a um grupo étnico em momento algum deixou de existir para os Tupinambá de Olivença. Ele se fez presente em traços culturais tão significativos quanto à língua ou a forma de vivência, permeando desta maneira, a forma de produzir e consumir o seu alimento.

Durante os séculos de resistência desse povo, os traços culturais proibidos de serem externalizados limitaram-se ao espaço da casa, em momentos cotidianos e extravasaram nos momentos de festas e reuniões coletivas.

Estes traços culturais podem ser observados na forma de manusear o alimento, no seu preparo, ao ser servido ou mesmo na sua degustação, reafirmando assim a sustentabilidade ambiental e cultural de maneira pouco revelada, mas presente na constância de hábitos cotidiano.

A Escola dos Tupinambá torna-se, em meio a todo esse contexto, o principal veículo de comunicação entre o universo indígena e o não indígena. Nesse ínterim, a educação diferenciada dos Tupinambá tem o compromisso de assumir o papel de conscientização da sociedade envolvente a respeito da imagem distorcida apresentada acerca dos indígenas na região.

São sinalizadas inúmeras iniciativas no que se refere à utilização do espaço escolar pelos indígenas para garantir às futuras gerações sua sustentabilidade. As atividades desenvolvidas a partir de um currículo multicultural e os projetos executados no universo escolar em parceria com o movimento indígena, demonstram tais afirmativas.

Dessa maneira, a educação é percebida enquanto um eixo tênue entre as práticas e os saberes dos educandos e as suas famílias. Por outro lado, pode também ser notada como um canal de relevante função social na tentativa de minimizar conflitos em meio ao processo demarcatório.

É nessa perspectiva, que torna-se preponderante a apresentação nessa edição do Eco Kids, as informações do território reivindicado pelos Tupinambá a partir de um prisma de nossos curumins, no qual os mesmos sinalizam suas comunidades e assim proporcionam novas experiências no processo de ensino-aprendizagem, valorizando o conhecimento prévio dos educandos da EEITO.

Assim buscamos atingir os espaços pedagógicos, as salas de aula da Educação Básica na tentativa de combater uma representação social negativa que foi propositadamente inculcada ao índio Tupinambá.

**Equipe Gestora da Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença**

Aluna - Lucineia Barbosa - Sede - E.E.I.T.O



Acuípe do meio I



Acuípe de cima



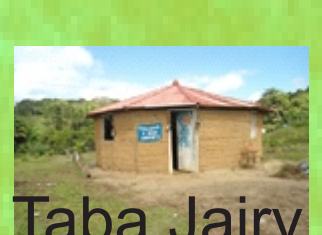
Acuípe de Baixo



Abaeté



Serra Negra



Taba Jairy



Acuípe do meio II



Tucum



Acuípe de Baixo



Olho D'água



Gravatá



Serra do Serrote



Itapoã



Katuana



Mamão



Maruim



Retomada do Santana



Santaninha



# Vamos ler e colorir?



Aluno- Josevandro -3º ano E.E.I.T.O

## A lenda da mandioca ... Mandi era uma linda indiazinha(...)



Foram elaboradas com os estudantes do 3º ano do fundamental I, atividades sobre a mandioca. Nessas atividades consideramos o conhecimento prévio do aluno. Assim, foi percebido que mesmo falando de um único elemento, cada aluno tem uma forma própria de falar sobre o assunto..

Na 1º atividade abordamos a “lenda da mandioca”, onde buscamos mostrar através de um mito como surgiu e sua importância para alimentação. Os estudantes fizeram desenhos representando o processo do plantio da mandioca até a colheita.

Na 2º atividade levamos os alunos à casa de Farinha onde fomos surpreendidas, pois, foram alguns deles que acabaram nos apresentando o local e suas especificidades.

Na última atividade, a mandioca ganhou maior destaque, na qual toda a escola foi envolvida, já que, nos festejos juninos, o tema abordado foi os derivados da mandioca, tais como: puba, tapioca, farinha, beiju... E assim cada sala ficou responsável por um derivado sendo este representado por suas rainhas do milho, mostrando com isso a importância da mandioca com alimento.



Alex Santos da Silva- 5º série B

Arranca a mandioca, raspa e depois seiva a mandioca no motor movido a gasolina, mas antes não tinha motor a gasolina, antes era roda de pé ou de mão, depois de seivada vai para a prensa onde ela enxuga toda sua água, quando ela sai da prensa a massa é peneirada, depois de peneirada é levada ao forno e quando é torrada já está pronta para o consumo ou exportar e vender. Há muitas pessoas que não gostam da mandioca, mas tem o aipim que serve como alimento, as pessoas plantam o aipim para fazer farinha e para comer cozido. Mandioca é muito bom de labutar porque quando planta vem o mato e aí tem que dar uma limpa para ela crescer com o tempo, é muito bom as farinhas todos os dias são lotadas de mandioca, aipim, tudo misturado, mas antes de plantar a terra tem que esta limpa e queimada.

Raniele Santos Nascimento Silva- 5º série B  
A mandioca

Quando se planta a maníba, cresce a mandioca, quando ela está boa é retirada e raspada, depois lava, rala e é colocada na prensa um dia, depois ela é colocada no coxo, ela é peneirada e levada para torra.

Tem mandioca que não pode comer, elas são mandioca macucu, mandioca unha, etc...

A mandioca faz farinha, puba, beiju, goma e pamonha.

Quando se planta a mandioca e o mato cresce ao redor ela fica estragada por dentro. A mandioca pode ser arrancada de 7 meses a 1 ano.



Elaine dos Santos Silva -5º série B

Hoje na aula de Arte e Cultura eu tive a oportunidade de conhecer o cultivo da mandioca, porque eu não sabia quase nada da mandioca, eu fui à casa de farinha e conheci os instrumentos da casa de farinha[...]A mandioca depois que ela é emprensada sai um liquido que serve como adubo e não só o adubo como serve para remédio de matar piolho. Tem um tipo de mandioca que não serve para ser utilizada. A mandioca serve para fazer beiju e a tapioca e a goma e depois disso tudo ela tem que ser vendida.



# Território

No dia 08 de agosto de 2013, os alunos da Educação Infantil fizeram um intercâmbio entre SEDE e Núcleo da EEITO. Começamos o nosso encontro com um Poranci, fortalecendo a nossa cultura e a luta pelo nosso território. Tivemos também, a oportunidade de conhecer a importância das ervas medicinais, apresentadas pelos alunos da comunidade do Santana.

Os alunos conheceram parte do território, rios, ervas medicinais, matas, árvores e frutas. Todos ficaram felizes e aguardam ansiosos outro intercâmbio.

**“Eu sou da terra, todos os caboclos são índios.**

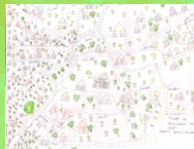
**Eu sou nativo, eu sou guerreiro.**

**Vivo na mata caçando e pescando, comendo frutas e raízes, vivendo o ar da natureza.”**

Educação Infantil- EEITO.



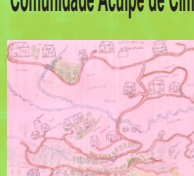
Comunidade de Sapucaieira



Comunidade Serra Negra



Comunidade Acuípe de Cima



Comunidade Maruim



Retomada do Santana



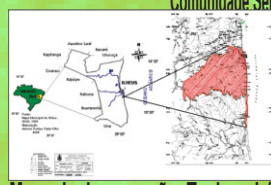
Acuípe do meio



Serra das Trepes



Comunidade Serra do Serrote



Mapa da demarcação Tupinambá

De acordo com as experiências vividas para elaboração e realização do projeto Eco Kids. Alunos, professores e funcionários da escola sede, fizemos uma atividade extraclasse na Retomada Abaeté. Chegando lá fomos recepcionados pela cacique, alunos e toda equipe da comunidade escolar. Tivemos em nosso primeiro momento, o Poranci, nosso ritual sagrado, pois sabemos que através do ritual nos fortalecemos.

Ressaltamos aos alunos a importância de uma retomada. Depois de muita opressão e massacre, nós Tupinambá, estamos recuperando aos poucos nosso direito ao território. Além da terra, nós lutamos por respeito, educação e saúde de qualidade.

Nós indígenas, buscamos em uma retomada um espaço igualitário na sociedade brasileira. **Nosso objetivo é recuperar a nossa terra. Por isso nos preocupamos em cuidar dela, preservando e respeitando a natureza.**

Agradecemos a todos que estão acompanhando o cotidiano das retomadas, agradecemos também aqueles que estão nos apoiando nesta caminhada e por fim agradecemos ao nosso pai Tupã, que está nos protegendo nessa luta.

Ensino Fundamental-EEITO.



## Curiosidades da língua Tupy

Bom dia - Katu ara	Sol - Guaraci
Boa tarde - Katu karuene	Lua - Jaci
Boa noite - Katu pituna	Estrela - Jacitata
Obrigado - Awere	Flor - Potyra

## Você sabia?

A População de Tupinambá de Olivença é de aproximadamente 5.000 indígenas, divididos em 32 comunidades.

# Artesanato

Na aldeia Tupinambá os indígenas tem o cuidado de utilizar tudo o que se pode aproveitar. Muitos produtos são usados como alimento, outros comercializados de forma que aproveitemos o máximo os produtos que temos na aldeia.

Utilizamos madeira e cipó que seriam consumidos para o preparo da terra, para o plantio de produtos que não são nativos mas são necessário.

Assim confeccionamos uma lixeira em forma de “burrinho” com caçuás onde serão selecionados lixo orgânico, para servir de fertilizante para plantas e lixo reciclável para ser reaproveitado.

Desta forma podemos reaproveitar o material e educar os alunos no cuidado com o meio ambiente.

Mboessara: Élen França  
Escola Estadual indígena Tupinambá de Olivença  
Acuípe do Meio I



## Você sabia?



O manto sagrado Tupinambá foi reconhecido pelos seus descendentes, no ano 2000 em uma exposição e hoje encontra-se em um Museu da Europa.











# Abra o Desmatamento ou Reflorestamento?

O reflorestamento é fundamental para restaurar áreas desmatadas.

Muitas vezes não percebemos o que acontece com nossas florestas. Porém os animais sabem o quanto seu habitat esta sendo destruído pelos homens.  

A busca por extrair os recursos naturais da mata inadequadamente, coloca em risco a natureza e a nossa própria vida.  

Para nós indígenas, não dá para ver grandes destruições e não se manifestar, são inúmeras florestas destruídas para construção de pastos, retirada de minérios (areia) e exploração ilegal de madeira.  

As nossas retomadas além de serem utilizadas na produção de nosso alimento, tornaram-se o espaço ideal para pensarmos na sustentabilidade ambiental e na preservação de nossas nascentes.  

Assim questionamos quem destrói e quem preserva a natureza?



## Plantar para curar

A medicina tradicional para o povo Tupinambá é a medicina orgânica, que é a cura do nosso povo. Envolvendo raízes, casca e folhas. A sua importância esta no conhecimento tradicional que não deve se perder. Na escola essa prática é trabalhada na conscientização de sua utilidade, como preparar, como usar, sua quantidade e a sua porção ao ser utilizado.

A horta medicinal da escola, iniciou-se com entrevistas aos mais velhos, coletando as sementes e mudas dessas ervas naturais, e plantando no fundo da própria escola.

A escola se preocupou com essa questão para o tratamento do próprio aluno, principalmente nos momentos de primeiros socorros, pois a escola é distante da cidade, a estrada é de difícil acesso e esse é o cuidado com a criança e os jovens para que tenham um tempo de chegar até o médico, por isso que primeiro passa pela medicina natural.

Para os mais novos, é importante que os mesmos continuem cultivando e guardando o segredo e o conhecimento entre o seu povo, passando esse conhecimento para os parentes pois índio só tem vida saudável com a força das raízes e troncos das ervas medicinais.

(Professora Gendiba Tupinambá- Guardiã do Museu da EEITO)

Ninho da Índia



Boldo



Aroeira



Folha de abacate



Arruda



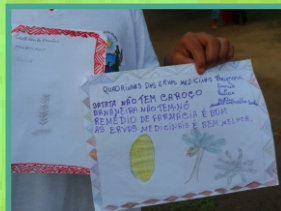
Algodão



Folha da Costa



Fedegoso



Favaca



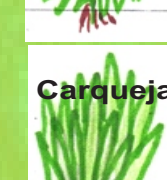
Babosa



Erva doce



Mastruz



Carqueja



Capim Santo



Quiolo



Sabugueira



Santa Maria



Melissa



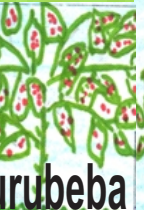
Flor da Abobora



Jatobá



Jurubeba



Pitanga



Manjerição



Quebra Pedra



Erva cidreira



# O Relato de um Professor em 'treinamento' e a Educação Escolar Indígena

Durante o ano de 2012, tive a feliz oportunidade em participar de um projeto junto à creche e pré-escola indígena Katuana, uma das instituições nucleadas da Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença (EETO). Logo nos primeiros dias, tive um grande espanto: como aquelas professoras conseguiam educar em meio a condições precárias de infraestrutura, posto que o governo municipal, ainda não está cumprindo com suas obrigações? O aluguel do prédio e o envio de merenda que está atrasado.

Após alguns dias me veio uma confirmação. Compreendi como a escola conseguia funcionar de forma comprometida com seu deveres pedagógicos e com as diretrizes da educação diferenciada. O segredo estava nas pessoas! Isso mesmo minhas amigas e meus amigos, em algumas leituras já era sabido que os professores, professoras, merendeiras e porteiros da escola indígena além de exercer suas funções dentro das escolas, eles também eram membros da comunidade e de um povo que sofre e luta há séculos tentando manter viva sua cultura, tradição e modo de vida. É este o grande “nó” que une professoras, funcionários e estudantes. É o segredo mantenedor do compromisso, da ética e o mais importante, do amor pelo educar.

Em meio a todas estas situações e sensações novas, tenho certeza que a minha formação como professor, pesquisador e como pessoa foi enriquecida em muito. Tive contato com uma nova perspectiva de ensino, voltada para além dos muros da escola, privilegiando o desenvolvimento das capacidades motoras e mentais das crianças em contato com os espaços naturais, instigando seu apreço pela natureza e contribuindo para a construção de sua consciência ecológica. “Criança deve ter contato com ar, com terra, com areia e água, tem que interagir com os espaços próprios de sua cultura, a natureza” (palavras de uma das professoras). Nada mais correto vindo de uma educação escolar indígena, visto que o modelo de escola eurocêntrico e colonizador não condiz com a forma de ensinar dos povos originários.

Para além disso, aprendi que no dia-a-dia de uma escola, temos que “dançar conforme a música” ou conforme o sacudir do “maracá”, por mais frenético que seja o ritmo. Compreendi que por mais que os problemas insistam em aparecer, a força de suas tradições, suas canções, seus rituais, fazem com que eles prossigam sempre em frente buscando educar suas crianças com as raízes da tradição Tupinambá e com as saberes tecnológicos exigidos nesta sociedade pós-moderna.

Gabriel H. Moreira, estudante de História da UESC

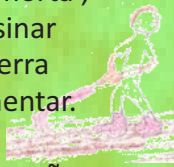




# Segurança Alimentar



Vejam só meus amiguinhos  
o que eu vou lhe contar  
É a história de uma horta,  
que foi feita pra ensinar  
A trabalhar com a terra  
e a segurança alimentar.



Ela surgiu com a intenção  
De reaproveitar,  
Espaços na escola  
e assim aprimorar,  
Os estudos de ciências  
Com as crianças de cá.



O seu processo foi longo  
Primeiro começamos testar.  
E com plantas medicinais  
Começamos a plantar.  
Ajudava na saúde  
E a tradição preservar.



Essa horta foi crescendo  
Em espaço e diversidade,  
Hoje vemos ela bonita  
Sei que isso é verdade.

Mas gostaríamos que todo aluno  
Tivesse uma em sua propriedade.

Foi assim que construímos  
Pensando naquilo que vem,  
Pensando na sustentabilidade  
dos parentes que não tem  
Condições de ter uma horta,  
Pois terra não tem também.



Nossa horta tem tempero  
Que usamos no dia a dia  
Tem quiabo, couve, coentro  
Crescendo parecendo magia  
Tem também aprendizado  
E tem aula com alegria.



Tem também outros elementos  
Que o povo aqui comia,  
Pois hoje ela tem inhame,  
Tradição que foi um dia  
Passadas para as gerações  
E que aos poucos se perdia.

O Inhame de nossa horta  
Na Embrapa fomos buscar,  
Pensando na segurança  
E na tradição alimentar.



Ao construirmos a horta  
Pensamos no que virá...  
Pensamos na Terra demarcada!  
No que queremos preservar,  
Pois queremos nossa terra  
Para enfim poder plantar.

E assim é nossa horta  
Ela tem essa missão,  
Pensar na sustentabilidade  
E pensar no cidadão,  
Preparar os curumins  
Através dessa lição,  
Que é preciso plantar na terra  
E pensar preservação.



Erlon Fábio Costa  
Mestre em Desenvolvimento  
Sustentável junto a povos e  
Terras Indígenas. UnB - Brasília

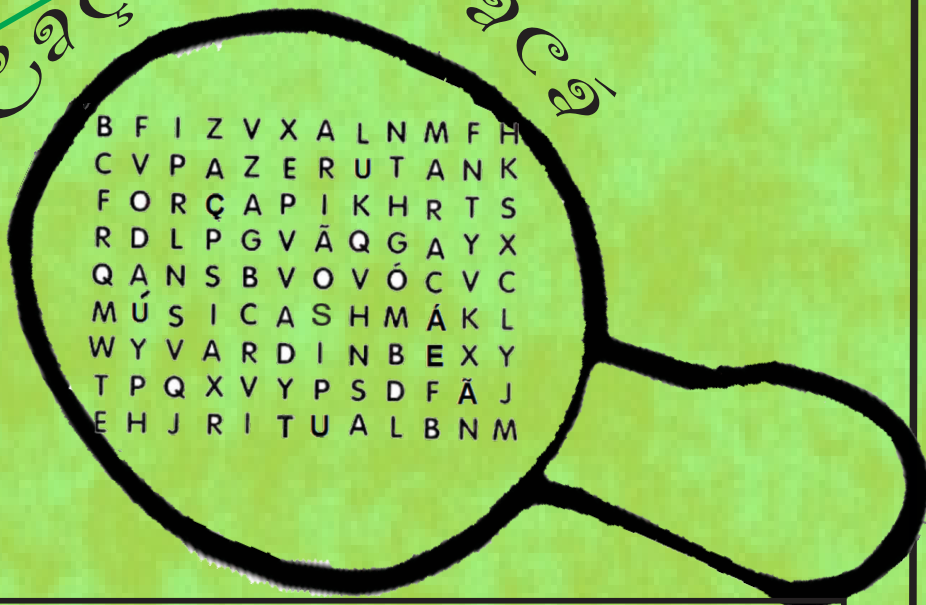




# Passatempo

Encontre no caça maracá as palavras que estão destacadas no texto abaixo.

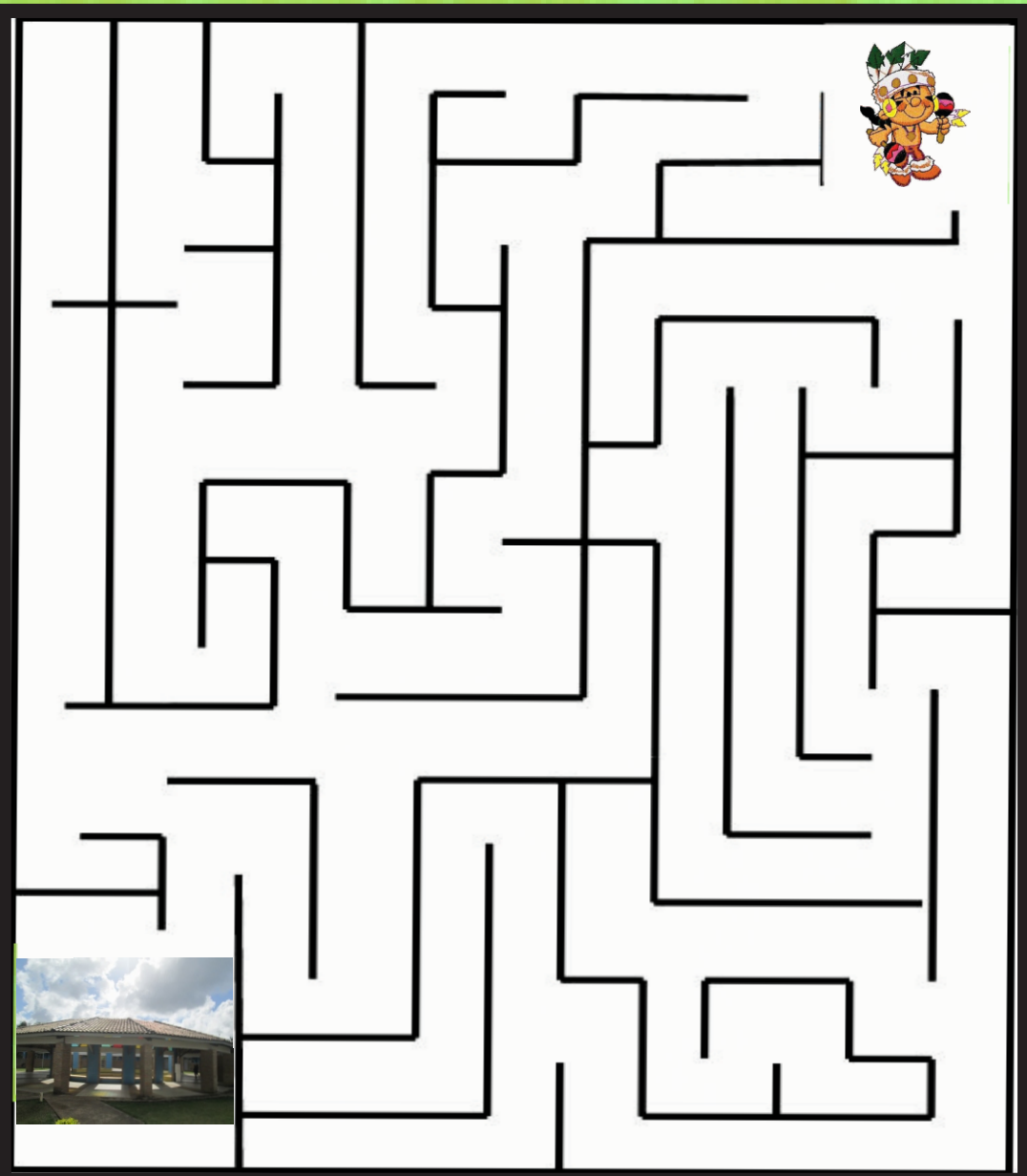
## Caça Maracá



Aluna : Laine -EEITO

O **maracá** é um instrumento espiritual. É usado principalmente no **ritual** do Poranci. Através dele e de suas **músicas** os indígenas agradecem e pedem proteção e **forças** à **mãe natureza**.

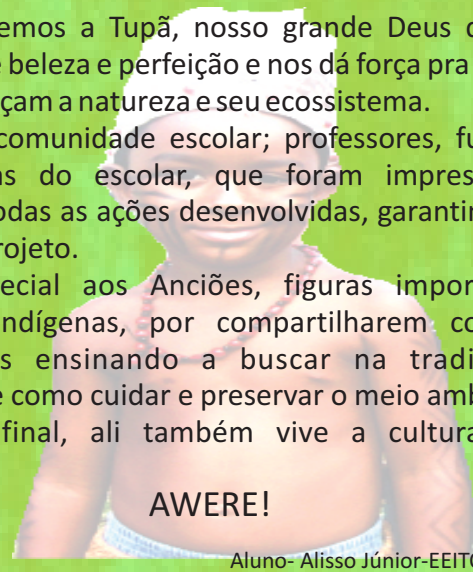
O caboclo Marcelino é considerado um herói para o povo Tupinambá. Ajude ao Caboclo Marcelino a chegar na Escola Indígena.



Agradecemos a Tupã, nosso grande Deus que criou o infinito cheio de beleza e perfeição e nos dá força pra lutar contra ações que ameaçam a natureza e seu ecossistema.

A toda comunidade escolar; professores, funcionários, pais, motoristas do escolar, que foram imprescindíveis e brilharam em todas as ações desenvolvidas, garantindo assim o sucesso deste projeto.

Em especial aos Anciões, figuras importantes nas comunidades indígenas, por compartilharem conosco sua sabedoria, nos ensinando a buscar na tradição lições contributivas de como cuidar e preservar o meio ambiente e seu ecossistema, afinal, ali também vive a cultura do povo Tupinambá.



AWERE!

Aluno- Alisso Júnior-EEITO

### EXPEDIENTE

#### COORDENAÇÃO GERAL

Ministério Público de Ilhéus

DIREC 06

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

SEDUC

#### EQUIPE GESTORA

Direção: Cleuza Pinto

Vice- direção: Erlon Fábio Costa

Gicélia Matos

Assistente de Direção: Gilmária Vieira

#### SECRETÁRIO

Waldemir Lopes

#### EDITORES

Flávio Neves Araújo

Millena Santos Silva

#### PROFESSORES

Isabela Magalhães - Adriano Bonfim- Ana Cláudia- Araidles Ferreira- Daniela

Ferreira- Diana Maria- Elenildes Ferreira- Eliane Araujo- Elisiane Nascimento-

Gilmara Batista- Jailson de Almeida- Jeanne Andrade- Joelma Cunha- Jose

Nilton Souza- José Washington- Juvani Santos - Lucimeire Magalhães- Luziane

Magalhães- Márcia Marília- Maria Luiza- Maria Vitória- Marisane Maria-

Maristela Santos- Naralyn Fonseca- Rosane dos Santos- Rosilene Souza-

Sebastiana Souza- Sonia Alves- Tailane Cerqueira- Tainah Almeida- Valdenilson

Oliveira- Eliane Pacheco- Lorena Gonçalves- Ivam Batista- Ubirajara (Bira)- José

Leandro Amaral- Caciane Guedes- Valdinete Barbosa- Emille Mikaele- Cristielle

Damasio- Adriana Santos - Adriene Nascimento- Clarice Correia- Cristina Chaves-

Darlene das Neves- Ediva Silva- Ednólia do Nascimento- Elen França- Genilda dos

Santos- Ionara Cruz- Jaqueline Souza- Juliana Guedes- Lindiane Valentin- Luciana

Rodrigues- Maria Cristiane- Maria Cristina Ramos- Maria Cristina Ramos de Assis-

Maryane Santos- Neusa Alves- Patrícia Braz- Pedrisia Damásio- Priscila Amaral-

Rosane Santos- Rosimeire dos Santos- Tais Magalhães- Tiele Ferreira.

#### Coordenador PIBID – HISTÓRIA/ UESC.

Carlos José Ferreira- Prof. Cazé

#### Supervisor PIBID – HISTÓRIA/ UESC

Erlon Fabio de Jesus Costa.

#### Bolsistas PIBID – HISTÓRIA/ UESC

Gabriel H. Moreira

Marcela Pereira

Millena Santos Silva

Odete O. de Sá Menezes

Taiane Silva Santos

Sandra Esteves

#### ARTE FINAL E DIAGRAMAÇÃO

Flávio Neves Araujo

#### Oração do sol

O grande espírito, cuja voz escuto nos ventos e cujo alento dá vida a todo o mundo.

Ouve-me!

Sou pequeno e fraco, sou pequeno e fraco, necessito de tua força e sabedoria.

Deixa-me andar em beleza e faz com que meus olhos possam sempre contemplar a vermelho e a púrpura do por do sol.

Faz com que minhas mãos respeitem tudo o que fizeste e que meus ouvidos sejam aguçados para ouvir tua voz.

Faz-me sábia e sábio para que eu possa compreender as coisas que ensinaste ao meu povo.

Deixa-me aprender as lições que escondestes em cada folha, em cada rocha. Busco força, não para ser maior que meu irmão e irmã, mas, para lutar contra meu maior inimigo, eu mesmo.

Faz-me sempre pronta e pronto para chegar a ti com as mãos limpas e com o olhos firmes, a fim de que, quando a vida

apagar, como se apaga o poente, o meu espírito possa estar contigo sem se envergonhar.